

Junho 2020

Desenvolvimentos recentes: A África Subsariana foi duramente atingida pela pandemia COVID-19 e a actividade económica entrou em colapso na primeira metade deste ano. A pandemia teve efeitos gravíssimos em termos humanos e económicos, causando a mais profunda perturbação na actividade económica de toda a região alguma vez conhecida. A África Subsariana sofreu consequentemente em resultado do impacto da pandemia nos seus principais parceiros comerciais, da interrupção das viagens mundiais e das cadeias de abastecimento e da queda dos preços globais das matérias-primas, em particular do petróleo e metais industriais. Estes choques aumentaram a aversão ao risco entre os investidores e estimulou saídas de capital sem precedentes.

Na Nigéria e África do Sul, a actividade teve uma queda vertiginosa na primeira metade do ano. Vários exportadores de matérias-primas industriais, tais como Angola, República Democrática do Congo e Gana tiveram de lidar com uma procura externa mais fraca e preços mais baixos do petróleo e metais, para além das conturbações internas. Os exportadores de produtos agrícolas, incluindo a Costa do Marfim, Etiópia e Quénia, registaram uma queda abrupta na procura e interrupções nas cadeias de abastecimento. A redução das viagens mundiais, em resultado da pandemia, atingiu profundamente países com uma exposição considerável às viagens e turismo, como Cabo Verde, Etiópia, Maurícia e Seicheles.

A inflação disparou na região, reflectindo as depreciações monetárias e a convulsão nas cadeias de abastecimento. Embora muitos países tenham anunciado medidas de apoio orçamental, em várias circunstâncias estas envolveram a redefinição de prioridades dos orçamentos existentes face aos constrangimentos orçamentais. As instituições internacionais apelaram aos credores bilaterais para suspenderem alguns pagamentos da dívida.

Perspectiva: A actividade económica na região registará uma contracção de 2,8% em 2020, a mais profunda de que há memória. Prevê-se que o PIB per capita caia ainda mais abruptamente, lançando provavelmente de novo milhões em extrema pobreza. A retoma do crescimento para 3,1% poderá acontecer em 2021, assumindo que a pandemia se dissipa na segunda metade do ano, que os surtos domésticos do vírus seguem um percurso semelhante e que o crescimento dos principais parceiros comerciais recupera. A África Subsariana enfrenta obstáculos gigantescos para conter a COVID-19 dada a fraca capacidade dos cuidados de saúde, a ausência de acesso a saneamento básico e a prevalência de uma actividade económica informal na maior parte da região.

Prevê-se que a economia da Nigéria tenha uma contracção de 3,2% dada a queda dos preços do petróleo que representa 80% das exportações do país, cerca de um terço do crédito do sector bancário e metade das receitas do estado. O produto da África do Sul deverá contrair 7,1% este ano, a maior queda num século, uma vez que medidas de contenção rigorosas, mas necessárias, limitam a actividade económica.

A actividade económica nos países importadores de matérias-primas deverá encolher este ano, apesar de preços de petróleo mais baixos, uma vez que as restrições às viagens internacionais têm peso nas visitas de turismo. O PIB dos países exportadores de matérias-primas industriais deverá igualmente cair em 2020 tendo em conta que as perturbações internas são agravadas pelos preços baixos do petróleo e metais. Também se prevê que os exportadores de produtos agrícolas registem uma queda da actividade económica este ano, embora estejam em parte imunes à queda dos preços das matérias-primas, fruto do investimento directo estrangeiro e de condições financeiras mais rígidas que atrasam o investimento.

Riscos: Os riscos apontam para uma evolução desfavorável. Uma pandemia mais duradoura e mais severa iria desencadear uma recessão ainda mais profunda na região e produzir efeitos devastadores na saúde e no bem-estar da população da região. Os efeitos da pandemia deverão aumentar acentuadamente a vulnerabilidade da região ao sobreendividamento e estas pressões serão agravadas pelo endividamento crescente necessário para financiar défices maiores. Os recursos do estado profundamente limitados podem levar a uma redução de serviços públicos de importância crítica durante a pandemia e ter consequências adicionais na actividade.

Existem também preocupações crescentes de que a pandemia possa causar uma crise de segurança alimentar na região à medida que as fronteiras encerram e as restrições comerciais interrompem o comércio de produtos alimentares e agrícolas. Os grandes números de pessoas deslocadas da região podem complicar os esforços destinados a impedir a propagação da COVID-19. Adicionalmente existe o risco de agitação social quando os governos dão prioridade a medidas que visam vencer o vírus em prejuízo dos esforços de manutenção da paz. O desemprego em ascensão, quebra de rendimentos e potenciais faltas de bens essenciais podem levar à instabilidade e pesar negativamente sobre a actividade bastante depois de a epidemia se ter dissipado.

[Download *Global Economic Prospects*](#)

Resposta à COVID-19 do Grupo Banco Mundial:

O [Grupo Banco Mundial](#), uma das maiores fontes de financiamento e conhecimentos para os países em desenvolvimento, está a implementar [uma acção ampla e rápida](#) para ajudar os países em desenvolvimento a reforçarem as suas respostas à pandemia. Estamos a apoiar intervenções de saúde pública, e a trabalhar para garantir o fluxo de abastecimentos e equipamentos críticos e a ajudar o sector privado a continuar a funcionar e a manter os empregos. Vamos mobilizar até USD 160 000 milhões em apoios financeiros durante 15 meses para ajudar mais de 100 países a proteger os pobres e vulneráveis, apoiar as empresas e fomentar a recuperação económica. Esta quantia inclui USD 50 000 milhões de novos recursos da IDA sob a forma de subvenções e empréstimos em termos altamente concessionais.

Sub-Saharan Africa Country Forecasts

(Annual percent change unless indicated otherwise)

	2017	2018	2019e	2020f	2021f
GDP at market prices (2010 US\$)					
Angola	-0.1	-2.0	-0.9	-4.0	3.1
Benin	5.8	6.7	6.9	3.2	6.0
Botswana	2.9	4.5	3.5	-9.1	4.2
Burkina Faso	6.3	6.8	5.7	2.0	5.8
Burundi	0.5	1.6	1.8	1.0	2.3
Central African Republic	4.5	3.7	3.1	0.8	3.5
Cabo Verde	3.7	5.1	5.5	-5.5	5.0
Cameroon	3.5	4.1	3.9	-0.2	3.4
Chad	-3.0	2.6	3.2	-0.2	4.7
Comoros	3.8	3.4	1.9	-1.4	3.2
Congo, Dem. Rep.	3.7	5.8	4.4	-2.2	3.5
Congo, Rep.	-1.8	1.6	-0.9	-6.2	-1.1
Côte d'Ivoire	7.4	6.8	6.9	2.7	8.7
Equatorial Guinea	-4.7	-6.1	-6.2	-8.4	-1.6
Eritrea	-10.0	13.0	3.7	-0.7	5.7
Eswatini	2.0	2.4	1.3	-2.8	2.7
Ethiopia ^a	10.0	7.9	9.0	3.2	3.6
Gabon	0.5	0.8	3.3	-3.2	-2.6
Gambia, The	4.8	6.6	6.0	2.5	6.5
Ghana	8.1	6.3	6.5	1.5	3.4
Guinea	10.3	6.2	5.6	2.1	7.9
Guinea-Bissau	5.9	3.8	4.7	-1.6	3.1
Kenya	4.8	6.3	5.4	1.5	5.2
Lesotho	-0.4	1.5	1.4	-5.1	5.5
Liberia	2.5	1.2	-2.3	-2.6	4.0
Madagascar	3.9	4.6	4.8	-1.2	4.0
Malawi	4.0	3.5	4.4	2.0	3.5
Mali	5.3	4.7	5.1	0.9	4.0
Mauritania	3.0	3.6	6.3	-2.0	4.2
Mauritius	3.8	3.7	3.6	-6.8	6.4
Mozambique	3.7	3.4	2.2	1.3	3.6
Namibia	-0.3	0.7	-1.1	-4.8	3.0
Niger	4.9	6.5	6.3	1.0	8.1
Nigeria	0.8	1.9	2.2	-3.2	1.7
Rwanda	6.1	8.6	9.4	2.0	6.9
São Tomé and Príncipe	3.9	2.7	2.4	-9.5	6.1
Senegal	7.4	6.4	5.3	1.3	4.0
Seychelles	4.3	4.1	3.8	-11.1	6.3
Sierra Leone	3.8	3.5	5.1	-2.3	4.0
South Africa	1.4	0.8	0.2	-7.1	2.9
Sudan	4.3	-2.3	-2.6	-4.0	0.5
South Sudan ^a	-6.9	-3.5	3.2	-4.3	-23.6
Tanzania	6.8	5.4	5.8	2.5	5.5
Togo	4.4	4.9	5.3	1.0	4.0
Uganda ^a	3.9	6.2	6.5	3.3	3.7
Zambia	3.4	4.0	1.7	-0.8	2.4
Zimbabwe	4.7	3.5	-8.1	-10.0	2.9

Source: World Bank.

Notes: e = estimate; f = forecast. World Bank forecasts are frequently updated based on new information and changing (global) circumstances. Consequently, projections presented here may differ from those contained in other Bank documents, even if basic assessments of countries' prospects do not significantly differ at any given moment in time.

a. Fiscal-year based numbers.

[Download this data](#)

